

MEDEIROS, Jotabê. A primeira noite na trincheira: acompanhe o relato de um combatente voluntário, publicado no 'Estado' no dia 10 de agosto de 1932. O Estado de São Paulo, São Paulo, 07mar.1999.

A primeira noite na trincheira

Acompanhe o relato de um combatente voluntário, publicado no 'Estado' no dia 10 de agosto de 1932

Montanhas na frente, montanhas atrás; montanhas para cá, montanhas para lá, montanhas de todos os lados, serra onde quer que a vista alcance – é tudo quanto se vê de Campos do Jordão a São Bento. Tomámos posição a mais de mil metros de altitude, no alto da serra. Quando não se pisa território mineiro, é só levantar a cabeça acima da crista da Mantiqueira e já se enxerga a gadaria dos nossos vizinhos, que, para não desmegerir o provérbio, nos parece bem mais nutrida que a daqui.

Por onde se vê que em matéria de clima estamos muito bem servidos: um friozinho genuinamente paulistano e, para variar, aquella cerração que atravessa o pala, o cobertor e os agasalhos que nos mandam de São Paulo.

São Bento, cidade velha e conhecida, pouco de notável offerece, além da importância que lhe empresta o intercâmbio commercial com parte de Minas, que aqui tem um bom mercado. Gente amável, que faz com que nunca os soldados do "Piratininga" esquecerão sua estada aqui.

Sobretudo nesta marcha, porque foi na terra do boticario Affonso que pela última vez jantámos em mesas com toalha, garfo, palios "Marquezi-nhos" e outras ferramentas indicadas ou condemnadas pelo "don't" e que em campanha passam à categoria de elegantíssimas figuras de rhetorica...

Dalli por diante cada qual procure tirar do pratinho de alumínio, do furabolos e de outros recursos naturaes o melhor proveito possível. Nas refeições, que a terminologia militar recommenda sejam chamadas rancho, não é prohibido o uso da baioneta. Muito antes, pelo contrário. Os pentes de bala também têm sua utilidade nessas ocasiões: quem não preferir empregal-os como garfos, faça delles des-



Refeição: a caneca de alumínio servia depois para treino de pontaria



Paladar castigado: "Arroz, feijão e carne têm gosto de pólvora"

cansa-talheres, ou, melhor, descansasabre; pela manhan, podem servir para fazer a "pastinha". Às vezes ainda são usados como munição de verdade. Os pratinhos são excellentes capacetes: é questão de saber adaptal-os a jeito, usando-os cahidos de um lado. Até fica elegante. As canequinhas, de alumínio também, são muito boas para exercício de pontaria. Depois desse ligeiro treino podem ainda ter um fim

útil: coador de café ou chuveiro de emergência. Tudo pratico, barato, economico. Na direção de Paraisopolis, deixamos São Bento pela manhan de 22, tocando a pé estrada a fóra. À nossa frente, o capitão Marques se adianta, com um pelotão. Os dois pelotões restantes, após três horas de marcha, detêm-se na fronteira São Paulo-Minas, que aquelle official, com seus homens, deixa para três.

Ah! as ordens são severas. Estamos em zona perigosa e é preciso agir com energia e rapidez. Immediatamente tomamos posição na divisa dos dois Estados e em meia hora as picaretas, pás e enxadas improvisavam no vallo divisorio uma trincheira inexpugnável. É necessário que assim seja, porque o inimigo está próximo, dizem.

Num instante o pessoal está distribuído, estabelecidas as comunicações com as sentinelas avançadas e com a retaguarda.

Ora, até que enfim, a grande e esperada emoção! No posto de observação, no alto, à direita da trincheira (esta

palavra exerce atração irresistível no calouro da guerra!) somos cinco ra-

pazes, escolhidos pelo tenente Viana. A poucos metros à nossa esquerda estão assestadas as "pesadas".

Todo o mundo está atento ao menor signal. Parece até que é proibido piscar e os olhos não se desviam das estradas e dos expiões que ficam à nossa frente e dos lados. Às 13 horas, o sol dá de rijo. Que é do frio da serra? Os "taes" ainda não apareceram, mas não há lugar para brincadeiras. Vamos aproveitar o tempo e tirar esses arbustos de espinhos que estão atrapalhando a gente. Faz calor: felizmente, há um cannival aqui atrás, ao alcance do facão. Dahi a

pouco chega a "bola". Arroz com feijão e carne, comidos na trincheira, pa-

rece que têm gosto de pólvora. Em todo o caso, que vá!

Depois, a ansiedade aumenta, vae aumentando sempre. Faz uma tarde linda e está tudo sossegado, que a impaciencia torna ainda mais vulto. Será despistamento? Às 18 horas começa a escurecer e ainda estamos no mesmo lugar. De repente – um tiro... Vinha da capoeira, onde se postára, a sentinella avançada. Era a hora. Todos redobravam a vigilancia. As sentinellas voltam correndo, todas, menos uma; menos uma, que quisera ficar, usando para isso o fuzil. E foi só.

Volta a calma e cáe a noite. É preciso ficar ainda mais atento. Gente impaciente, à espera do momento de entrar em acção, momento que nunca chega. Tiro nenhum. De inimigo, nem sombra. Às 8 horas de 23 o pernambucano municiador da "costureira" rompe o silêncio com sua voz cantada, gritando para trás:

– "Ó do rranchinho! méneiro não vem, não... Vamos vêr esse café, que eu já tou com vontade de mastigar orelha!"

Foi assim a nossa primeira noite na trincheira.



É PRECISO
AGIR COM
ENERGIA E
RAPIDEZ



*Sempre
alertas:
a palavra
trincheira
exercia uma
atração
irresistível no
calouro de
guerra*